

# A TRAJETÓRIA DE RUY PÓVOAS NO KÀWÉ

Valéria  
Amim<sup>1</sup>

**F**alar sobre a trajetória do professor Ruy do Carmo Póvoas no Núcleo de Estudos - KÀWÈ é, antes, falar dos muitos que habitam em Ruy, porque eles se traduzem em seu fazer diário, em sua forma de pensar o mundo e os homens, suas práticas e suas culturas. Sua visão e o seu fazer se integram ao homem que ele é, implicado com sua gente, com seus antepassados e suas tradições africanas.

[1] Professora do Departamento de Letras e Artes – DLA, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – Kàwé. *Email:* <vamim@uesc.br>



Ele é homem implicado com sua religião, o candomblé e, especialmente, com a nação Ijexá, herança familiar; também com os afrodescendentes e suas condições de existência; com as letras, quando poeta, e *griot* – um seguidor das tradições orais africanas. Ele é, ao mesmo tempo, o professor e o pesquisador, com sua vontade de conhecer. Ruy é sempre o escritor, o amigo, parceiro no ouvir e no aconselhar.

Sua história e implicação com o KÀWÉ e sua equipe não estão dissociadas dos múltiplos Ruy, e conviver com eles, no Núcleo, me fez perceber e compreender melhor a filosofia africana e sua exemplaridade nas situações cotidianas. Coube a mim o recorte dessa trajetória, a que tentei compor, utilizando alguns documentos, registros, textos e relatos memoriais daqueles que integraram ou integram o KÀWÉ.

Tomarei como marco inicial a inexistência de núcleos de estudos temáticos na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, situação que não se coadunava com a então *Carta Consulta* para o reconhecimento da Universidade, a que preconizava a existência desses núcleos. Esse contexto apontou para a necessidade da busca de experiências junto a núcleos já existentes em outras Instituições de ensino superior no Brasil. O professor Ruy, então, foi para Universidade de Brasília – UNB e produziu um relatório sobre a estrutura e funcionamento dos núcleos temáticos, bem como elaborou uma proposta para criação de um núcleo na recém-criada UESC.

A ideia e o conceito sobre núcleo temático de estudo e pesquisa por ele apresentados e defendidos residiu na multidisciplinaridade, na integração entre ensino, na graduação e na pós-graduação, e as atividades de pesquisa e extensão. Tal compreensão forjou o KÀWÉ, cuja natureza de núcleo multidisciplinar envolveu distintos departamentos, desde a sua formação inicial.

Para a criação do núcleo, o professor Ruy Póvoas socializou, inicialmente, uma carta

circular, dirigida a vinte colegas seus, de diferentes departamentos, conclamando-os para uma reunião, em que se discutisse a possibilidade de formação de um grupo de estudos sobre a presença do negro, na então chamada Região do Cacau, com vistas à institucionalização de um núcleo temático.

Desses vinte conclamados, doze professores atenderam, e na reunião ficou acordado que o professor Ruy Póvoas e a professora Dinalva Melo Nascimento fariam o esboço da proposta para o núcleo que estava sendo gestado.

Na segunda reunião para análise e debate de tal proposta, compareceram oito professores daqueles doze. O debate promoveu ajustes na proposta apresentada, que seria encaminhada formalmente ao Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE / UESC.

O percurso da proposta no CONSEPE durou um ano, tendo em vista a novidade da proposta. Quando o núcleo foi formalizado oficialmente, no ano de 1996, dos oito proponentes apenas cinco continuaram. E já tinham promovido reuniões todos os meses, mesmo não tendo espaço destinado para tal fim. Ao mesmo tempo, já se publicava um Boletim e um Caderno.

O KÀWÉ foi, portanto, o primeiro núcleo de estudos temáticos da UESC, cuja equipe

**É preciso lembrar que  
não contávamos com  
as discussões que  
hoje nos fortalecem,  
como os direitos  
legais trazidos pela  
Lei 10639/03 e seus  
desdobramentos**

inicial foi composta pelos professores Ruy do Carmo Póvoas (DLA), Elias Lins Guimarães (DFCH), Maria Consuelo Oliveira Santos (DFCH), Marialda Jovita Silveira (DLA), Maria Laura de Oliveira Gomes (DLA), Milton Ferreira da Silva Junior (DCAA). A equipe contava com as estagiárias Dulce Coelho Ferreira (DLA) e Edeildes Sena Nunes (DFCH).

O texto a seguir, escrito por Ruy Póvoas na época de criação do Kàwé, revela os objetivos sob os quais o Núcleo estava assentado:

Diz a sabedoria africana: tudo com o tempo tem tempo. E eis um tempo de respeito à diversidade cultural. Esta é uma das exigências para um futuro melhor do povo brasileiro, principalmente da sociedade das terras do cacau, cuja cultura foi construída por pessoas das mais diversas origens. Em meio a essa diversidade, na Região Sul da Bahia, território de abrangência da UESC, são evidentes as formas em que o elemento negro predomina. E diante da constatação e compreensão de que a UESC não pode omitir-se do compromisso com a sociedade para a qual ela foi criada, faz-se necessário desenvolver estudos que permitam conhecer o negro e sua cultura. Este fazer há de proporcionar abordagens que revelem os aspectos educacionais, linguísticos, culturais, artísticos e literários do segmento social em questão, numa perspectiva interdisciplinar. Foi com este pensamento que se formou na UESC um grupo de pesquisadores que propiciou a criação do **Kàwé – Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais**. Os componentes do Núcleo pretendem realizar o estudo, a preservação e o resgate da tradição e culturas africanas no território de abrangência da UESC. De início, seis projetos de pesquisa estão sendo desenvolvidos, além da estruturação em torno do mesmo eixo temático, cujo objetivo último é integrar o conhecimento na construção do fazer acadêmico da UESC. Assim, na intenção de superar o individualismo que

freia a cultura regional, há de se contribuir para que a Universidade Estadual de Santa Cruz execute, de fato, seu trabalho pela integração regional. E logo que pretendemos realizar estudos na vertente da africanidade, denominamos de **Kàwé** este Núcleo Temático, pois em nagô esta palavra significa *estudar*. Das primeiras investidas, trazemos a público os textos que compõem este **Caderno**, acompanhados do convite para que outros estudiosos venham juntar-se a nós<sup>2</sup>.

Falar sobre essa trajetória implica reconhecer, ainda, que esta história se entrelaça com a criação dos NEABs no país, nas décadas de 80 e 90.

Tive a oportunidade de ouvir os relatos contados pelo Professor Ubiratan de Castro sobre

**Vale lembrar que são homens como o Professor Ruy que fizeram e fazem a diferença, quando a questão envolve o povo negro, sua religião e cultura**

seus encontros com Ruy Póvoas para criarem na Bahia os NEABs – Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e, consequentemente, participarem da criação da rede/consórcio de NEABs. A participação em lutas e encontros para a configuração dos NEABs contou também com a participação dos professores Carlos Benedito da Silva, do Maranhão, e Moisés de Melo Santana, de Pernambuco. Naquele período, o professor Ubiratan Castro coordenava o CEAO/UFBA. Ruy, junto aos demais pesquisadores que atuavam no KÀWÉ, construíram um projeto que já integrava em seus objetivos, as funções gerais do Consórcio NEABs. É preciso reconhecer que era uma época em que ninguém estava empenhado para fomentar discussões, reflexões, encontros sobre a história e as condições de vida das comunidades afrodescendentes em nossa Região, num período em que esse tema ainda era marginal nas universidades, e na sociedade em geral. É preciso lembrar que não contávamos com as discussões que hoje nos fortalecem, como os direitos legais trazidos pela Lei 10639/03 e seus desdobramentos.



[2] Caderno KÀWÉ, nº 1, Ilhéus: Editus, 1997, p. 4.



O KÀWÉ foi o primeiro NEAB da Região Sul e Extremo Sul da Bahia, criado em 1996, na UESC e coordenado pelo professor Ruy Póvoas. À frente do Núcleo, junto com outros pesquisadores, foram publicados, boletins, o *Jornal Takadá*, os Cadernos de Estudos - editados com as professoras Marialda Silveira e Consuelo Oliveira -, duas Revistas e oito livros. O Kàwé organizou eventos, a exemplo dos Encontros com a África e Encontros com Comunidades Religiosas Afrodescendentes. Também no Kàwé foi desenvolvida pela Professora Valéria Amim,

a pesquisa para o Mapeamento de Comunidades Religiosas de Matriz Africana da Bahia do Leste da Bahia; estudos sobre quilombolas, saúde, linguagem, literatura. Realizaram-se inúmeras exposições, aulas abertas, sessões de estudos e debates, também mesas redondas, palestras, colóquios, minicursos, conferências, para além de participações de seus pesquisadores em congressos, encontros e seminários por este Brasil afora. Tudo isso sempre foi norteado pelo objetivo maior: os estudos sobre o negro no território de abrangência da UESC.

As atividades levadas a cabo pelo Kàwé oportunizaram aos professores, pesquisadores e estudantes, da UESC e das demais instituições de ensino, e a sociedade civil, o contato com estudiosos de reconhecimento nacional e internacional, a exemplo dos professores Muniz Sodré, Kabengele Munanga, Ieda Pessoa de Castro, Ubiratan de Castro, Jacques Gauthier, Danielle Pitta, Dilma Melo, Juana Elbein dos Santos, Luiz Beltran, Maria de Lourdes Siqueira e José Manuel Pedrosa.

Coordenando o KÀWÉ, desde a sua criação até o ano de 2012, o professor Ruy Póvoas desenvolveu um trabalho



extensionista, especialmente, no âmbito da Educação, realizando palestras, minicursos, oficinas, e fomentando junto aos educadores discussões sobre a cultura afrodescendente. Suas pesquisas e inquietações se transformaram em livros. Ele, ainda, incentivou a criação de linhas de pesquisa e coordena a linha religião, saúde e práticas sociais no Grupo de Pesquisa KÀWÉ, certificado pelo CNPq. Coordenou o trabalho de campo no Projeto de Mapeamento da Bacia do Leste, em nove municípios da Região Sul da Bahia. No âmbito desse trabalho, a cada saída a campo para a coleta de

dados, a equipe teve a oportunidade de usufruir de histórias por ele narradas sobre o candomblé, sobre a descendência dos terreiros, conhecimentos que nos permitiu articular os conceitos à realidade estudada ou desarticulá-los, quando era necessário fazê-lo. Nesse âmbito, Ruy também discutia os caminhos teóricos e metodológicos da pesquisa. Tudo isso, buscando a construção coletiva do conhecimento, a partir da compreensão do cotidiano da religião do candomblé, da visão de mundo do povo afrodescendente. Ruy acompanhou todos os passos da pesquisa.

**Sua participação em eventos nacionais e internacionais, representando o KÀWÉ, levou o nome e o trabalho do Núcleo para fora dos muros da UESC, alcançando outros cenários, nacionais e internacionais**

Sua participação no Programa Aula Aberta, levado a efeito pelo Kàwé, é outro momento em que ele busca provocar inquietações e reflexões nos presentes sobre a temática abordada, relacionando-a sempre com a atualidade e, ao mesmo tempo, evocando o passado, os antepassados, a história e o mito na explicação de dado fenômeno ou acontecimento.

Assim, também, são as reuniões do KÀWÉ, espaço em que ele ajuda a fomentar profícuas discussões e estudos. Nesses momentos, muitas vezes, pesquisadores, bolsistas e estagiários são agraciados por Ruy com a contação de um *itan*, ou com uma remissão das discussões a um fato real, em que a narrativa, de cunho memorialístico, acaba por enriquecer o ponto de vista da história oficial.

Sua participação em eventos nacionais e internacionais, representando o KÀWÉ, levou o nome e o trabalho do Núcleo para fora dos muros da UESC, alcançando outros cenários, nacionais e internacionais.

O Núcleo possui reconhecimento regional, estadual, nacional e internacional. Ruy foi a referência para tal reconhecimento. Abriu as portas para nós, pesquisadores e alunos, realizarmos nossos estudos. O KÀWÉ colabora com diversas instituições como a Fundação Palmares, SEPIR, Museu do Homem do Nordeste, universidades, centros de estudos, além de escolas e ONGs.

Atualmente, o Núcleo conta com estagiários, bolsistas de iniciação científica e oito pesquisadores, mestres e doutores. Integra o Consórcio de NEABs e de-

envolve estudos e pesquisas com as comunidades religiosas de tradição africana, como os quilombos e terreiros de candomblé situados na Região, e com outros espaços que discutem e preservam o legado afro-brasileiro. Seus projetos possuem financiamento interno e externo.

Vale lembrar que são homens como o Professor Ruy que fizeram e fazem a diferença, quando a questão envolve o povo negro, sua religião e cultura. Sua luta e sua defesa com o legado afrodescendente o fazem desbravador e criador de espaços. É por isso que ele sempre diz, citando Antonio Olinto “a gente é feliz quando compreende melhor as coisas.”<sup>3</sup>

[3] OLINTO, Antônio. **A casa da água**. Rio de Janeiro: Difel; Brasília: INL, 1978. p. 290.

